

190
339

Reserva de Pinhalzinho

1108

Índios e posseiros brigam pela terra

A disputa fundiária por 120 hectares de terra existe há mais de 25 anos; o conflito agora aumenta com muitas ameaças

Alexandre Sanches

Tomazina - Índios de um lado, posseiros do outro, no meio de um conflito dentro da Reserva Pinhalzinho, no município de Tomazina. Somente uma cerca de arame farpado os separa. A disputa fundiária existe há mais de 25 anos, desde a morte do primeiro funcionário do antigo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) na reserva, que deixou seus descendentes morando na área. Nos últimos anos a briga pela posse tem aumentado.

Aproximadamente 120 hectares de terras foram divididas entre as famílias de Faustino Gomes, Antônio Lázaro dos Santos, Antônio Pereira Gomes e Maria José Gomes, que a utilizam para a agricultura e a pecuária. Como a comunidade Guarani é de natureza migrante, constantemente existe a mudança dos índios na reserva. Parte da comunidade do cacique Euclides Ribeiro, de 34 anos, está na reserva há 5 anos.

Para garantir o direito de posse de Pinhalzinho aos índios, a Fundação Nacional do Índio - Funai - entrou com ação na Justiça em '85. Com a expectativa da conclusão do processo, existe o confronto entre brancos e índios, com ameaças de morte aos Guaranis, caso ganhem nos Tribunais.

A denúncia foi feita na semana passada por Euclides e pela chefe do posto da Funai, Helena Lopes Martins, que acusam ter recebido ameaças do filho de um dos posseiros. Eles questionam a arbitrariedade dos invasores de terras, dentro da reserva. "Eles mandam e desmandam. Não podemos comprar nada, que os objetos são mexidos. Eles andam livremente nas nossas terras, mas se nós entramos na área que eles cercaram, nos ofendem", denuncia Euclides.

Ele diz que as suas lavouras são insuficientes para a comunidade e que os animais dos posseiros invadem as plantações. "É só o nosso milho, arroz ou feijão ficar bonito, que eles soltam o gado para acabar com tudo. Além disso, procuram desmotivar nossos trabalhos. Nós não comercializamos a colheita como eles", explica.

Atílio Ribeiro, de 58 anos, afirma que nunca ouviu histórias de que índios tinham tomado as terras dos brancos. "Nós nunca os aborrecemos. Trabalhamos em cima do que é nosso e se for preciso, vamos brigar apesar de sermos poucos. Ninguém nunca vai ouvir que maltratamos eles, mas em compensação, o inverso acontece constantemente", reclama.

Na única diversão dos índios, o

futebol, também existe interferência. O campo, na divisa das terras de Maria José Gomes, já foi cercado com arame farpado. "Não podíamos jogar porque ela não queria. Procuramos os passos direitos e cortamos a cerca. Eles não têm documentos para dizer

que a terra é deles", observa José Apudaito da Rocha, de 20 anos. Segundo a Funai, o único documento existente é uma doação da União, datada de 1903.

Briga com a Funai Um dos posseiros, Faustino Gomes, de 56 anos, põe a culpa pelo conflito na funcionária da Funai, Helena Martins. "Ela é que está fazendo a cabeça dos índios, colocando eles contra a gente. Nós sempre nos relacionamos bem, mas desde que ela assumiu a chefia, a vida tem virado um inferno", acusa.

Ele afirma que não fez nenhuma ameaça e que Helena terá que explicar esta acusação na Justiça.

Quanto à ação das terras, ele tem certeza de que irá conseguir o direito de ficar. "Os índios possuem uma grande área e só por-

que nós cuidamos bem das nossas roças e eles não são incentivados a isso, estão criando problemas. Não estou lesando eles. Se tivermos que sair daqui, nós iremos, mas a Justiça terá que nos arrumar outra terra para trabalhar", adverte.

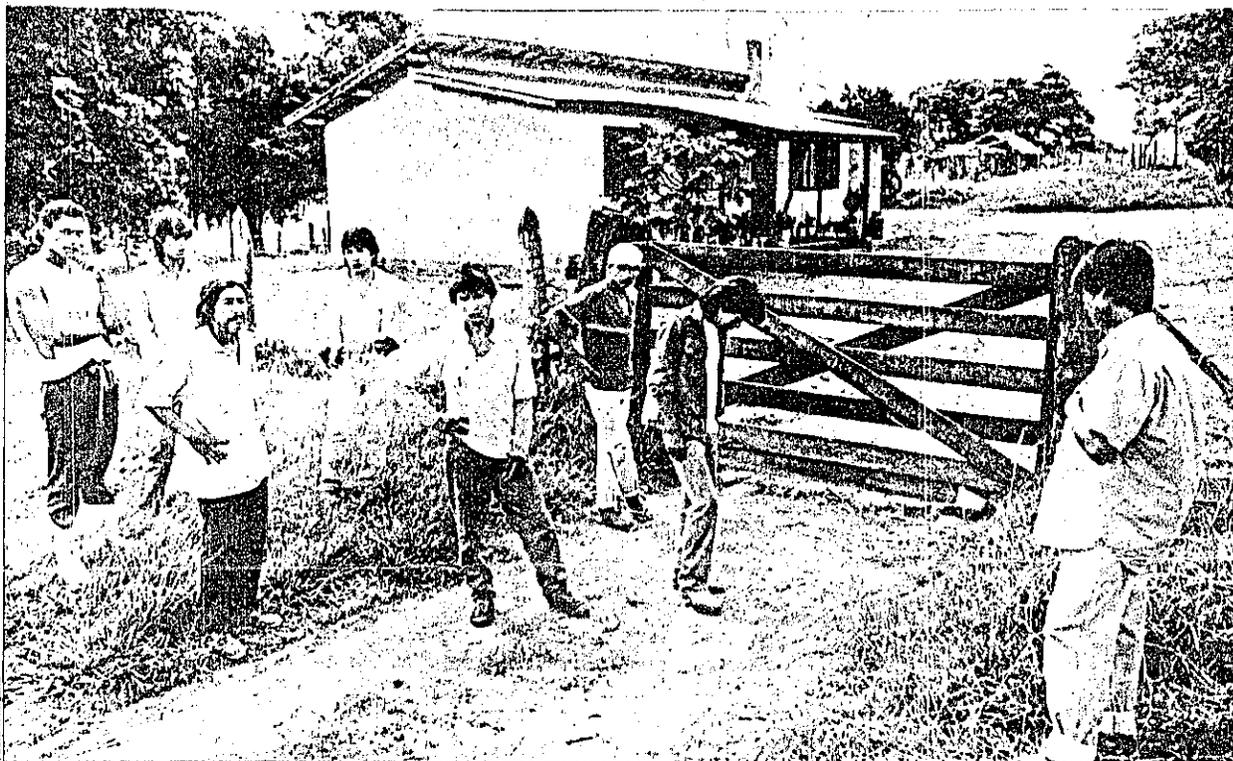
Posseiros usam casa da Funai na reserva

A Reserva Pinhalzinho, em Tomazina, possui 593 hectares de terras, tendo áreas de mata nativa. Uma estrada, que liga algumas propriedades rurais à cidade de Guapirama, corta a reserva e divide o povoado, sendo uma junto com o Posto da Funai e a outra, no lado abaixo da pista. A área em conflito é a da administração da Funai, onde dois posseiros convivem diariamente junto à sede.

Um deles, Antônio Lázaro dos Santos, mora a menos de 20 metros da escola, numa casa construída pela Funai. Uma das reclamações dos índios é a invasão de pessoas que entram e saem de suas terras, para ir até os "vizinhos indesejáveis". "Existe uma norma da Funai, onde qualquer pessoa que entre nas reservas indígenas deve comunicar o cacique e o chefe do Posto. Mas isto não acontece", reclama Atílio Ribeiro.

As diferenças entre as terras dos índios e dos posseiros está no terreno e na energia elétrica. Enquanto o lote dos índios possui eletricidade, as terras ocupadas são de melhor qualidade, com menos ondulação, beneficiando inclusive a agricultura mecanizada. Por uma medida tomada pela Funai na Justiça, a eletricidade não foi ligada pela Copel, nas residências dos posseiros, apesar deles terem pago a ligação em '85.

5



Ox índios estão revoltados e acusam os posseiros de invadir suas terras e ainda fazer provocações

Conflito divide Guaranis

A crise entre posseiros e índios gerou um descontentamento entre os próprios Guaranis. Dos 83 moradores da reserva, somente um está do lado dos posseiros. Trifon Vogarim, de 35 anos, trabalha para Faustino Gomes, na sua plantação de alho. Ele reclama que não consegue nada da Funai. "Eu e minha família passamos fome. Se não fosse a ajuda do Faustino e de outros fazendeiros da região, estaríamos mortos", afirma. Ele diz que não sabe nada sobre as ameaças de morte e dos maus tratos dos posseiros e que os índios estão mentindo.

Um dos sete filhos de Trifon contesta suas afirmações. Ele não quis se identificar e diz que o pai

se vende fácil pro lado dos posseiros. "De uns tempos para cá, não sei o que acontece com ele. Meu pai tem agido de maneira estranha e não estou gostando. Isto tudo é influência dos invasores de terras", explica. O cacique Euclides Ribeiro diz que o problema maior é a falta de memória da história dos Guaranis. "Infelizmente nosso povo se rende fácil aos argumentos do homem branco e esquece o que passamos por vários anos", argumenta. "São pessoas como Faustino, que oferecem dinheiro e algum alimento para o índio ser seu escravo, que dividem a nossa comunidade que já é pequena", lamenta.



Faustino Gomes: "A Funai é que tem feito as intrigas"